

Capa do Livro "Brasil Caboclo" e "O Sertão em Carne e Osso" do poeta paraibano de Itabaiana, Severino de Andrade Silva, famoso como Zé da Luz.

O quadro se chama "Festa de São João" e é da autoria do pintor paraibano José Lucena, que fez exposições locais e nacionais.

Dele, assim fala Ariano Suassuna: "A pintura de José Lucena, com suas barcas, cavalos marinho, seus grandes chapéus de couro em castanho e vermelho... suas cores limpas, nítidas, seus céus de um azul sempre puro, é uma pintura honesta e limpa, achatada, de cores claras, de composição arbitrária e ingênua e desenho tosco".



A festa de São João

Somos um país festeiro. Herdamos dos colonizadores as alegrias que multiplicamos e fizemos de nós um povo cobiçado. A alegria do brasileiro não tem comparação em todo o mundo. Pena que as festas, por vezes, sejam confundidas com compromissos sérios que deveriam ser encarados de maneira responsável. Mas, enquanto quem mandar for o futebol, o carnaval e a cachaça, será difícil mudar o que não queremos que mude! E pensando bem, mudar pra quê?

Dia

Editorial

Olhos Castanhos

Poesia Musicada

O porteiro do prostíbulo

Contos & crônicas

Antero de Quental

Poeta em Foco

Direitos e deveres

De olho no idioma

SONETO DE JUNHO Manoel Virgílio - Portugal

Em junho, vinham as festas, que juninas:
São Pedro, Santo Antônio e São João.
Dos fogos, dos balões e do quentão,
Pulavam as fogueiras, as meninas.

Delícias que são típicas do mês:
Canjica, milho verde e o curau,
Que é do milho verde um mingau,
Pamonhas, rapaduras lá têm vez.

Terrenos, de bandeiras enfeitados,
Quadrilhas, arrastam pé, bem na poeira,
Casais que vão dançando em fileira.

Mas, hoje, com costumes importados,
Já servem "hot dog" nessas festas,
Que, até, o tal do "funk", já as infesta.

Os homens e os poetas

Dizem os homens que a Lua é o satélite da Terra. Mas os poetas garantem que ela é um piercing no umbigo do infinito ou prateada tatuagem no ventre do firmamento.

Dizem os homens que a água, H₂O, é uma substância líquida, insípida, inodora e incolor. Mas os poetas afirmam que ela é o sangue da Terra bombeada pelo coração da natureza.

Dizem os homens que as músicas são acordes feitos de sete notas. Os poetas, todavia, dizem que elas são a voz das almas, o som da vida e o soluçar da inspiração. São os decretos das mensagens e as leis que regem a suavidade e a harmonia.

Dizem os homens que as estrelas são sóis, planetas e cometas. Mas os poetas dizem que elas são os pirilampos dos jardins do Eden a iluminar a escuridão dos tempos, das esperanças e das utopias.

Dizem os homens que a Terra é um pequeno planeta do nosso sistema solar. Mas os poetas definem a Terra como o berço de uma família feita de almas sofridas que lutam para chegar ao seu Criador; que ela é o lar dos desgraçados que se perdem no emaranhado da sua insignificante e pretenciosa grandiosidade.

Dizem os homens que a chuva é a gota d'água que se desprende das nuvens. Os poetas sabem que a chuva é a lágrima que escorre dos olhos de Deus ao chorar de amor pelos homens. É a emoção do Pai diante do filho indefeso que ainda não sabe pensar.

Dizem os homens que o mar é grande porção de água salgada. Para os poetas o mar é o albergue dos rios que para ele correm apressados, livrando-se do jugo das margens, para ganhar a liberdade que se esconde no íntimo da sua imensidão.

Dizem os homens que dormir é repousar o corpo para refazê-lo. Os poetas garantem que dormir é libertar a alma para que, em sonhos ou desdobramentos, ela viaje ao infinito na busca de alegrias desconhecidas e imprevisíveis. Para o poeta, o sono é a alforria do espírito que viaja na busca dos segredos do espaço para depois voltar com novas inspirações, camufladas nos sonhos muitas vezes ininteligíveis.

Dizem os homens que escrever é expressar idéias. Para os poetas, escrever é introduzir conceitos na virgindade dos vergéis das folhas brancas e inertes, enfeitando-as de charme como a uma debutante que desabrocha para a vida no alvorecer dos quinze anos.

Dizem os homens que o trabalho serve para o sustento. Mas os poetas nos segredam que trabalhar é enriquecer o espírito, aprimorar dons e ganhar experiência, porque transforma em sábio o homem comum!...

Octávio Caúmo Serrano, editor
caumo@caumo.com

TRIBUNA LITERÁRIA

Fundador e Editor
OCTÁVIO CAÚMO SERRANO

Contatos, envio de material e sugestões:
Av. Rui Carneiro, 525 sala 218 - Tambaú
58032-101 João Pessoa - PB
Fones (83) 3247-9070 e (83) 9332-2674
tribunaliteraria@gmail.com

Edições on-line disponíveis em <http://tribuna.wordpress.com>

O Tribuna Literária e os colaboradores não se responsabilizam por idéias e conceitos emitidos em artigos ou matérias assinadas, que expressam apenas o pensamento dos autores.

Reserva-se o direito de não fazer correções e, por motivo de espaço e clareza, o de resumir cartas, artigos e ensaios.

NOTAS & NOTÍCIAS

• “Caro Jornalista Octávio Caúmo Serrano, Senti falta há algum tempo do nosso Tribuna Literária outrora distribuído nos restaurantes de nossa querida João Pessoa.

Tal foi a minha surpresa ao constatar que não mais estava sendo ofertado daquela forma mas continuava a ser escrito e publicado por sua força e perseverança aqui na internet.

Não sei se foi por falta de apoio financeiro ou outro motivo (de força maior) que o fez tomar essa decisão. Quero que saiba que, sendo aquele primeiro o motivo, estou disposto a colaborar com a redistribuição do jornal através de patrocínio ou assinatura. Tenho certeza de que outros amigos também. Conte conosco, caso mude de idéia, favor fazer contato.

Grande abraço.

Arlindo Monteiro de Carvalho Júnior
Urologista.”

O médico fornece-nos seu endereço em Tambaú e todos os telefones. Agradecemos pelas palavras. Vamos dar tempo!... O que for, será!

• Muitas outras pessoas sentem saudade deste jornal.

Se houver algum aventureiro que queira assumi-lo, ajudaremos na confecção e daremos nosso pequeno “know how” para trazê-lo de volta.

Sozinho, não temos condições.

• A Casa da Poesia, por meio do GIP - Grupo Itinerante de Poesia, continua se reunindo na ASIP, Av. Epitácio Pessoa, todas as primeiras e terceiras quartas-feiras, das 15 às 17 horas. Livre para quem quiser visitar e participar. Não paga nada!

As eleições estão por aí. Na hora de votar conheça bem o programa do seu candidato. Peça a ele para incluir entre as metas prioritárias a divulgação e dinamização da cultura paraibana. As artes andam meio esquecidas neste país.

Antero Tarquínio de Quental.



Nascido em Ponta Delgada, no arquipélago dos Açores, Portugal, em 1842, suicidou-se em 1891.
Foi destacado e eminente vulto nas letras portuguesas, caracterizando-se pelo espírito filosófico.
"Um gênio que era um santo", disse dele Eça de Queirós.

Suas obras principais foram:

Poesia: Sonetos, 1861; Beatrice, 1863; Odes Modernas, 1865; Primaveras Românticas - Versos dos Vinte Anos, 1872; Sonetos, 1881; Sonetos Completos, 1886;

Raios de Extinta Luz, 1892; Prosa Polêmica e Folclórica: Cartas de Antero de Quental, 1915; Cartas Inéditas de Antero de Quental a Oliveira Martins, 1931; Cartas Inéditas de Antero de Quental a Wilhelm Storck, 1931; Cartas de Antero de Quental a Antônio Azevedo Castelo Branco, 1942.

Socialismo e preocupação estética em Antero de Quental

Literatura de natureza cerebral, densa, onde a emoção cede lugar ao pensamento. Assim transcorre a poesia do português Antero de Quental, marcada pela perfeita articulação entre forma e fundo.

Os sonetos, ímpares em língua portuguesa, são de uma justeza verbal que permite a expansão do tormento existencial sem qualquer excesso, à semelhança do que acontece com a lírica de Camões.

Textos enxutos, plenos, poemas que são verdadeiros monumentos da literatura em qualquer tempo. Apesar de tecnicamente impecáveis, nem por isso os poemas do Antero são frios, duros, muito pelo contrário: dentro deles forças contraditórias buscam lugar e expressão, resultando em contemplação, filosofia, transcendentalidade, dor e metafísica.

Quatro décadas de pensamento romântico em Portugal (1825-1865) foram decisivamente abaladas, há mais de 120 anos, por alguns moços que ingressaram na Universidade de Coimbra pelos idos de 1860. Entre os que fizeram a virada do reinado do sentimentalismo contemplativo para a literatura de reflexão e de combate estava um jovem poeta, idealista, audacioso, Antero de Quental, que se formou em direito. Esse importante poeta português – a quem alguns colocam no mesmo patamar de Camões e Fernando Pessoa – é praticamente ignorado no Brasil. A rememoração de sua obra é a qualquer momento oportuna, tanto mais que não é difícil flagrar entre grupos de estudantes universitários quem pergunte: "Mas quem é mesmo esse tal de Antero?"

Este espaço é insignificante para registrar toda a grandeza do poeta açoriano ANTERO TARQUÍNIO DE QUENTAL. Leiam-no pois vale a pena!

Ignoto Deo

Que beleza mortal se te assemelha,
Ó sonhada visão desta alma ardente,
Que refletas em mim teu brilho ingente,
Lá como sobre o mar o sol se espelha?

O mundo é grande - e esta ânsia me aconselha
A buscar-te na terra; e eu, pobre crente,
Pelo mundo procuro um Deus clemente
Mas a ara só lhe encontro... nua e velha...

Não é mortal o que em ti adoro,
Que és tu aqui? olhar de piedade, Gota de
mel em taça de venenos...

Para essência das lágrimas que choro
O sonho dos meus sonhos! se és verdade,
Descobre-te, visão, no céu ao menos!

Rainha do Céu

Excelsa e sereníssima Senhora,
Que sois toda Bondade e Complacência,
Que espalhai os eflúvios da Clemência
Em caminhos lírios feitos de aurora!...

Amparai o que anseia, luta e chora,
No labirinto amargo da existência.
Sede a nossa divina providência
E a nossa proteção de cada hora.

Oh! Anjo Tutelar da Humanidade,
Que espargis alegria e claridade
Sobre o mundo de trevas e gemidos;

Vosso amor, que enche os céus ilimitados,
É a luz dos tristes e dos desterrados,
Esperança dos pobres desvalidos.

Soneto psicografado por Chico Xavier, do livro "Parnaso de Além Túmulo." - 1931.

IDEAL

Aquela, que eu adoro, não é feita
De lírios e nem de rosas purpurinas,
Não tem as formas lânguidas, divinas,
Da antiga Vênus de cintura estreita...

Não é a Circe, cuja mão suspeita
Compõe filtros mortais entre ruínas,
Nem a Amazona, que se agarra às crinas
Dum corcel e combate satisfeita...

A mim mesmo pergunto, e não atino
Com o nome que dê a essa visão,
Que ora amostra ora esconde o meu destino...

É como uma miragem, que entrevejo,
Ideal, que nasceu na solidão,
Nuvem, sonho impalpável do desejo...

À Virgem Santíssima

Num sonho todo feito de incerteza,
De noturna e indizível ansiedade,
É que eu vi teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza.

Não era o vulgar brilho da beleza,
Nem o ardor banal da mocidade...
Era outra luz, era outra suavidade,
Que até nem sei se as há na natureza.

Um místico sofrer... uma ventura
Feita só do perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira...

Ó visão, visão triste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira!

Na mão de Deus

Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descansou afinal meu coração.
Do palácio encantado da ilusão
Desci a passo e passo a escada estreita.

Como as flores mortais, com que se enfeita
A ignorância infantil, despojo vão,
Depus do ideal e da paixão
A forma transitória e imperfeita.

Como criança em lóbrega jornada,
Que a mãe levou no colo agasalhada
E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto...
Dorme o teu sono, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente.

Pátria Amada

Paulo Miranda Sarmiento - RJ

**Ouvindo o Hino Nacional,
Colocando a destra ao peito,
Livra-te de todo mal,
Fique de pé, com respeito.**

**Não importa o que dirão
Teu ouvido fica mouco
À Pátria, toda atenção,
Todo silêncio é pouco.**

**Ao terminar seus acordes,
Ao pensar com todo amor,
Um sonho que tu recordes,
Esquecendo o teu labor.**

**Oh! Minha Pátria querida!
Por diversos maltratada,
Há de sarar a ferida
Que por algozes marcada.**

**De tanto vê-la sofrer
Valentes socorrerão,
Até por ela morrer
De toda energia usarão.**

**Que de eras priscas remontam.
Heróis então esquecidos,
De seus passados despontam:
Seus feitos são aferidos.**

**Quanta vergonha passada!
Mas podem acreditar
Que a roupa suja lavada
O Congresso irá passar.**

**Se a história for contada,
Descendentes vão chorar;
Origem tão mal lembrada
De um passado sem honrar.**

**Espero não ter errado,
Cumprindo o bom versejar,
As palavras, seu floreado,
Para melhor realçar.**

Profissão de fé

Américo Falcão - PB

Nasci nas luzes do catholicismo,
Nele fiz as primeras orações...
E homem, não temo as atracções do abysmo,
Onde crepitam negras ambições.

No meu retiro, baixo a frente e scismo,
De longe vendo as falsas multidões...
Enquanto, num sublime catecismo,
Leio o credo que alenta os corações.

Guiado fui por luminosos trilhos,
Pela palavra do meu pae, e agora,
Da mesma forma, rumarei meus filhos...

Hei de sempre viver como vivi,
À luz da crença que a verdade enflora,
E assim, hei de morrer como nasci!

O coração

Humberto de Campos - MA

Dizem que se ama uma só vez na vida...
O amor, no entanto, para mim, parece
Taça espumante que, uma vez bebida,
Se outra vez se beber, mais apetece.

O coração é uma árvore florida,
Que dentro de nós, sem o querermos, cresce,
E que, sempre a dar flores, à medida
Que os botões se lhe arrancam mais floresce.

A mão do Tempo, essa árvore maltrata,
Mas qual planta podada, dia a dia,
Mais em ramos e flores se desata;

Que era nos turvos séculos remotos
Que o coração, para dar flor, possuía,
A indolência romântica do lotus...

Projeto inacabado, ainda

Carlos Antônio Coêlho - PB

Não tenho nada definido,
Pronto, concretamente acabado.
Tudo está por fazer.

Quem possui seu projeto todo resolvido,
Claro está no ponto exato de morrer.

Meu projeto de vida é falho!
Bastante falho, incertezas, dúvidas, cavilações...
Desacertos são vistos a olhos nus.
Nada conluo, não tenho pretensões
De inaugurar a obra, ser foco de luz.

Prefiro sonhar a construir castelos.
De que me adiantarão louvores, aplausos, honrarias!
Os castelos ruirão. Os sonhos serão eternos.
Afinal, quero pelejar muitos verões e invernos
E ainda deixar como herança um cabedal de poesias.

Mãos que os lírios invejam

Alphonsus de Guimarães - MG

Mãos que os lírios invejam, mãos eleitas
Para aliviar de Cristo os sofrimentos,
Cujas veias azuis parecem feitas
Da mesma essência astral dos olhos bentos;

Mãos de sonho e de crença, mãos afeitas
A guiar do moribundo os passos lentos,
E em séculos de fé, rosas desfeitas
Em hinos sobre as torres dos conventos.

Mãos a bordar o santo Escapulário,
Que revelastes para quem padece
O inefável consolo do Rosário;

Mãos unguadas no sangue da Coroa,
Deixai tombar sobre a minha Alma em prece
A bênção que redime e que perdoa!

Meu coração

Ivaldo Gomes - PB

Amanheço todo dia
Olhando pra você.
Encho-me de te ver.
De viver contigo.
No abrigo de
Nós dois.

Vivemos aos saltos.
No asfalto da vida.
Dos cruzamentos,
Dos sinais,
Engarrafados,
Estressados,
De nós.

Desconhecemos a descrença,
Pois pensamos
Que sabemos das coisas.
E de todas elas,
Você é a melhor.
Melhor de mim.
Melhor de você.

Estação Ciência



Foi inaugurada em João Pessoa a Estação Ciência, no Altiplano, próximo ao Farol do Cabo Branco. Uma obra de Oscar Niemeyer que precisa ser bem utilizada pela comunidade paraibana. Temos de dar-lhe bom aproveitamento, não a transformando em mero cartão postal. Praza aos céus que assim seja!

O Condenado

Augusto dos Anos - PB

A praça estava cheia. O condenado
Transpunha nobremente o cadafalso.
Puro de crime, isento de pecado,
Vítima augusta de indelével falso.

E na atitude do Crucificado,
O olhar azul pregado n'amplidão,
Pude rever naquele desgraçado
O drama lutuoso da Paixão.

Quando do algoz cruento o braço alçado
Se dispunha a vibrar sem compaixão
O golpe na cabeça do culpado

Ele, o algoz - o criminoso - então,
Caiu na praça como fulminado
A soluçar: perdão, perdão, perdão!

Magias da gravidez

Octávio Caúmo Serrano – SP

Estava linda! Havia engravidado!
Olhando nela eu via, em seu semblante,
O olhar profundo, belo, exuberante,
Por sobre um rosto todo iluminado!...

E enquanto isso aguardava radiante,
Que o tempo presto, sempre acelerado,
Trouxesse logo o seu filho esperado,
Para coroar o amor dos dois amantes...

Intrigou-me saber qual a razão
Porque as mulheres, quando em gestação,
Ficam mais belas, luminosas, calmas!...

Cheguei à conclusão que é por ter elas,
Durante nove meses, dentro delas,
A luz da simbiose de duas almas!

A meu Pai doente

Para onde fores, Pai, para onde fores,
Irei também, trilhando as mesmas ruas...
Tu, para amenizar as dores tuas,
Eu, para amenizar as minhas dores!

Que coisa triste! O campo tão sem flores,
E eu tão sem crença e as árvores tão nuas
E tu, gemendo, e o horror de nossas duas
Mágoas crescendo e se fazendo horrores!

Magoaram-te, meu Pai?! Que mão sombria,
Indiferente aos mil tormentos teus
De assim magoar-te sem pesar havia?!

- Seria a mão de Deus?! Mas Deus enfim
É bom, é justo, e sendo justo, Deus,
Deus não havia de magoar-te assim!

A meu Pai morto

Madrugada de Treze de Janeiro,
Rezo, sonhando, o ofício da agonia.
Meu Pai nessa hora junto a mim morria
Sem um gemido, assim como um cordeiro!

E eu nem lhe ouvi o alento derradeiro!
Quando acordei, cuidei que ele dormia,
E disse à minha Mãe que me dizia:
"Acorda-o"! deixa-o, Mãe, dormir primeiro!

E saí para ver a Natureza!
Em tudo o mesmo abismo de beleza,
Nem uma névoa no estrelado véu..-

Mas pareceu-me, entre as estrelas flóreas,
Como Elias, num carro azul de glórias,
Ver a alma de meu Pai subindo ao Céu!

Dois belos sonetos decassílabos de
Augusto dos Anjos, Paraíba, Brasil.

Improvisos de JANSEN FILHO

Jansen e um improviso no Jornal Última Hora, de Belo Horizonte em 11/12/1961. "Jansen Filho é, para mim, um raro caso de mediunidade", disse a seu respeito a escritora Dinah Silveira de Queiroz. "E para provar a sua capacidade de improvisação, Jansen fez, num repente, em nossa redação, os seguintes versos":

Levo comigo a saudade
Deste ambiente acolhedor,
Na pessoa de Hélio Adami,
Nosso bravo diretor.

A sentinela avançada
Da suprema encruzilhada
Da fé, da legalidade,
Que luta, sem preconceito,
Pela aurora do direito,
Pelo sol da liberdade.

À frente do fabuloso
Exército deste jornal,
Se encontra Samuel Wainer
Seu legítimo general
Que luta e não se atrapalha
Entra no ardor da batalha
À luz de esperanças mil

Indiferente aos insultos
Dos mais desprezíveis vultos
Que envergonham o Brasil.

Ao deixar a Última Hora
Cumprirei o meu papel:
Transmitindo aos redatores
O meu abraço fiel,
Numa justa continência
Ao general Samuel.

Uma homenagem a Jansen:

És um florão da própria natureza,
A luz da inspiração e da verdade,
O amigo eterno da fraternidade,
Do respeito, da paz e da pureza!

O sol que brilha em prol da liberdade,
O defensor das causas da pobreza,
O inimigo supremo da grandeza,
O símbolo do bem, da caridade.

És o clarão do aurorecer da vida.
O gênio desta Pátria estremeçada,
O facho de um ideal puro e bendito!

A esperança da raça brasileira,
A cigarra que canta prazenteira
Numa orgia de luz pelo infinito!

José Carlos Almeida Peixoto

Onde a Ventura Mora

Cleómenes Campos - SE

Uma casa de palha à beira de uma estrada.
Dentro, um pote, um baú, uma rede e uma esteira,
Fora, dando alegria à casa, uma roseira.
Em torno, a solidão: a grande paz sonhada...

O homem acorda cedo ouvindo a passarada:
Vai ao campo cantando uma canção brejeira...
Fica a embalar o filho a humilde companheira;
Em seguida, faz renda ou borda na almofada.

À tardinha, é o regresso. A criança, ao vê-lo grita.
Ela acha que o marido é bom como ninguém.
Ele acha que a mulher é a mulher mais bonita.

Tu não crês na ventura; ela existe, porém:
É nessa casa pobre onde a ventura habita;
Se viveres assim, serás feliz também.

Belo soneto alexandrino, que tem as cesuras na sexta e décima segunda sílabas. Perfeito!

OUVE A VOZ DO CORAÇÃO

Eurícles Formiga - PB

Ante os problemas da vida,
Centraliza-te no bem.
Não questione em excesso
E nem condene ninguém.

O que existe sobre a Terra
O tempo consumirá...
Do que observas, apenas
O bem permanecerá.

O que sabes, pouco importa;
O que possuis, igualmente...
Somente o bem que praticas
É o que vale realmente.

Reflete nesta sentença
Que em toda parte perscruto:
Se a Verdade é relativa,
Todo Bem é absoluto.

Se busca, pois, pela fé,
Não desprezes a razão;
Mas, se queres encontrá-la,
Ouve a voz do coração!

Padres e pastores intolerantes e famintos de poder trazem consigo a negação da religião - **William Warburton**

Se a vida é boa, então a morte, que é parte necessária da vida, também será boa - **Leon Tolstoi**

Nossa vida iria tornar-se maravilhosa se nós pudéssemos ver todas as coisas repugnantes que existem nela. - **Henry David Thoreau**

Minha sogra não reclama
do bom trato que lhe dou.
Até de filho me chama;
só não diz que filho eu sou.

Elton Carvalho

Nesta casa tão singela
onde mora um trovador
é a mulher que manda nela
porém nos dois manda o amor.

Clério José Borges

Ficou pronta a criação
sem um defeito sequer
e atingiu a perfeição
quando Deus fez a mulher.

Eva Reis

Amor! São quatro letrinhas...
Quatro apenas... Ninguém diz
que podem fazer sozinhas
o mundo inteiro feliz!

Carolina de Azevedo Castro

Estou zangada contigo...
Não pretendo mais te ver...
E os beijos que tens comigo
eu quero te devolver...

José A. Costa

O mar sentindo embaraços
na noite de lua cheia,
carrega a noite nos braços
pra deitá-la na areia.

Ademar Macedo

Prometi-lhe, amada minha,
mil estrelas; as mais belas.
Bobagem! Você sozinha
brilha mais que todas elas.

A.A de Assis

Recrudescer a bela trova,
para a glória da cultura:
a poesia põe à prova
o bom senso em miniatura.

Apollo T. França

Versos de Zé Limeira - PB
O poeta do absurdo

Um dia o Rei Salomão
Dormiu de noite e de dia.
Convidou Napoleão
Pra cantar poligamia,
Viva a Princesa Isabé
Que já morou em Sumé
No tempo da Monarquia.

A Serra

Quando eu era menina, uns tios e seus filhos vieram residir na casa dos meus pais.

Minha prima e eu costumávamos discutir enquanto nos desobrigávamos das tarefas da casa.

Como eu era mais velha, tinha a pretensão de querer ensiná-la a fazer as menores coisas, o que, é claro, a contrariava.

Um dia, depois de ter assistido a uma dessas cenas, nosso avô levou-nos ao fundo do quintal onde havia uma pilha de lenha; a seguir, apanhando o mais grosso dos tocos de madeira, disse-nos em tom sério, porém sem qualquer zanga.

- O toco deve ficar no meio. Vocês apanham a serra, cada uma de um lado, e comecem a serrá-lo.

Ficamos ambas atônitas, mas imediatamente obedecemos. A serra era uma dessas comuns no campo, acionadas por duas pessoas que ora empurram, ora puxam.

Comecei a serrar, o mais depressa que podia, mais uma vez desejava de provar que a minha prima não era capaz de fazer o mesmo.

Mas, a cada vez que eu empurrava a serra para trás mais depressa do que ela, a lâmina metálica se curvava e eu perdia o equilíbrio.

Percebi então que serrando na mesma velocidade que ela e sempre com força igual, o trabalho progredia melhor.

Estávamos mortas de cansaço quando terminamos o trabalho, porém tínhamos sincronizado perfeitamente os nossos movimentos.

Vovô aplaudiu quando o toco se abriu em dois pedaços e nos explicou sorrindo:

- Vocês conseguiram levar a bom termo a tarefa e nisso não existe nenhum mistério. É que vocês trabalharam em harmonia. Quando tiverem um trabalho a fazer, lembrem-se de que trabalhando juntas e com esforço igual, tudo se tornará mais fácil e mais rápido.

Nunca pude me esquecer daquilo. E como na vida a maioria das tarefas que nos cabem envolvem outras pessoas, eu me lembro daquele toco e procuro aplicar mais uma vez, com alegria e bom humor, a lição da harmonia.

Do Livro "E, para o resto da vida..." de Wallace Leal V. Rodrigues, pela Casa Editora O Clarim - www.oclarim.com.br

Saudade

Patativa do Assaré - CE

Saudade dentro do peito
É qual fogo de monturo
Por fora tudo perfeito,
Por dentro fazendo furo.

Há dor que mata a pessoa
Sem dó e sem piedade,
Porém não há dor que doa
Como a dor de uma saudade.

Saudade é um aperreio
Pra quem na vida gozou,
é um grande saco cheio
Daquilo que já passou.

Saudade é canto magoado
No coração de quem sente
é como a voz do passado
Ecoando no presente.

A saudade é jardineira
Que planta em peito qualquer
Quando ela planta cegueira
No coração da mulher,
Fica tal qual a frieira
Quanto mais coça mais quer.

O Irapuru

Humberto de Campos - MA

**Dizem que o irapuru, quando desata
A voz - Orfeu do seringal tranqüilo -
O passaredo, rápido, a segui-lo,
Em derredor agrupa-se na mata.**

**Quando o canto, veloz, muda em cascata,
Tudo se queda, comovido, a ouvi-lo:
O canoro sabiá susta a sonata,
O canário sutil cessa o pipilo.**

**Eu próprio sei quanto esse canto é suave;
O que, porém, me faz cismar bem fundo
Não é, por si, o alto poder dessa ave:**

**O que mais no fenômeno me espanta,
É ainda existir um pássaro no mundo
Que se fique a escutar quando outro canta!**

O PORTEIRO DO PROSTÍBULO

Não havia no povoado pior ofício do que porteiro do prostíbulo. Mas que outra coisa poderia fazer aquele homem? O fato é que nunca tinha aprendido a ler nem escrever, não tinha nenhuma outra atividade ou ofício.

Um dia, entrou como gerente do prostíbulo um jovem cheio de idéias, criativo e empreendedor, que decidiu modernizar o estabelecimento. Fez mudanças e chamou os funcionários para as novas instruções..

Ao porteiro disse: -A partir de hoje, o senhor, além de ficar na portaria, vai preparar um relatório semanal onde registrará a quantidade de pessoas que entram e seus comentários e reclamações sobre os serviços.

Eu adoraria fazer isso, senhor - balbuciou - mas eu não sei ler nem escrever!

-Ah! Quanto eu sinto! Mas se é assim, já não poderá seguir trabalhando aqui..

-Mas, senhor, não pode me despedir, eu trabalhei nisto a minha

vida inteira, não sei fazer outra coisa.-Olhe, eu compreendo, mas não posso fazer nada pelo senhor.

Vamos dar-lhe uma boa indenização e espero que encontre algo que fazer. Eu sinto muito e que tenha sorte. Sem mais nem menos, deu meia volta e foi embora.O porteiro sentiu como se o mundo desmoronasse. Que fazer?

Lembrou que no prostíbulo, quando quebrava alguma cadeira ou

mesa, ele a arrumava, com cuidado e carinho. Pensou que esta poderia ser uma boa ocupação até conseguir um emprego. Mas só contava com alguns pregos enferrujados e um alicate mal conservado.

Usaria o dinheiro da indenização para comprar uma caixa de

ferramentas completa. Como o povoado não tinha casa de ferragens, deveria viajar dois dias em uma mula para ir ao povoado mais próximo para realizar a compra. E assim o fez.

No seu regresso, um vizinho bateu à sua porta: -Venho para perguntar se você tem um martelo para me emprestar.

-Sim, acabo de comprá-lo, mas eu preciso dele para trabalhar ...

-Bom, mas eu o devolverei amanhã bem cedo.

- Se é assim, está bom.

Na manhã seguinte, como havia prometido, o vizinho bateu à porta e disse: -Olha, eu ainda preciso do martelo. Por que você não o vende para mim?

-Não, eu preciso dele para trabalhar e além do mais, a casa de ferragens mais próxima está a dois dias de mula de viagem.

-Façamos um trato - disse o vizinho. Eu pagarei os dias de ida e volta mais o preço do martelo, já que você está sem trabalho no momento. Que lhe parece? Realmente, isto lhe daria trabalho por mais dois dias... Aceitou.

Voltou a montar na sua mula e viajou. No seu regresso, outro vizinho o esperava na porta de sua casa.

-Olá, vizinho. Você vendeu um martelo ao nosso amigo?

Eu necessito de algumas ferramentas, estou disposto a pagar seus dias de viagem, mais um pequeno lucro para que você compre para mim, pois não disponho de tempo para viajar para fazer compras. Que lhe parece?

O ex-porteiro abriu sua caixa de ferramentas e seu vizinho escolheu um alicate, uma chave de fenda, um martelo e uma talhadeira. Pagou e foi embora.

E nosso amigo guardou as palavras que escutara: 'não disponho de tempo para viajar para fazer compras'. Se isto fosse certo, muita gente poderia necessitar que ele viajasse para trazer as ferramentas.

Na viagem seguinte, arriscou um pouco mais de dinheiro trazendo mais ferramentas do que as que havia vendido. De fato, poderia economizar algum tempo em viagens.

A notícia começou a se espalhar pelo povoado e muitos, querendo economizar a viagem, faziam encomendas. Agora, como vendedor de ferramentas, uma vez por semana viajava e trazia o que precisavam seus clientes.

Com o tempo, alugou um galpão para estocar as ferramentas e alguns meses depois, comprou uma vitrine e um balcão e transformou o galpão na primeira loja de ferragens do povoado. Todos estavam contentes e compravam dele. Já não viajava, os fabricantes lhe enviavam seus pedidos. Ele era um bom cliente.

Com o tempo, as pessoas dos povoados vizinhos preferiam comprar na sua loja de ferragens, a gastar dias em viagens.

Um dia ele lembrou de um amigo seu que era torneiro e ferreiro e pensou que este poderia fabricar as cabeças dos martelos.E logo, por que não, as chaves de fendas, os alicates, as talhadeiras, etc.. E depois foram os pregos e os parafusos...

Em poucos anos, nosso amigo se transformou, com seu trabalho, em um rico e próspero fabricante de ferramentas.

Um dia decidiu doar uma escola ao povoado.

Nela, além de ler e escrever, as crianças aprenderiam algum ofício.

No dia da inauguração da escola, o prefeito lhe entregou as chaves da cidade, o abraçou e lhe disse: -É com grande orgulho e gratidão que lhe pedimos que nos conceda a honra de colocar a sua assinatura na primeira página do Livro de Atas desta nova escola.

-A honra seria minha - disse o homem. Seria a coisa que mais me daria prazer, assinar o Livro, mas eu não sei ler nem escrever, sou analfabeto.

-O senhor?!?! - disse o prefeito sem acreditar. O senhor construiu um império industrial sem saber ler nem escrever? Estou abismado. Eu pergunto: o que teria sido do senhor se soubesse ler e escrever?

-Isso eu posso responder - disse o homem com calma.Se eu soubesse ler e escrever ... ainda seria o porteiro do prostíbulo!

Geralmente as mudanças são vistas como adversidades. As adversidades podem ser bênçãos. As crises estão cheias de oportunidades. Se alguém lhe bloquear a porta, não gaste energia com o confronto, procure as janelas. Lembre-se da sabedoria da água: 'A água nunca discute com seus obstáculos, mas os contorna'.

De olho no idioma

Diploma de jornalista

Da mesma forma como é exigido diploma para outras áreas, a fim de que o profissional tenha recompensado seu esforço de galgar a uma faculdade e dela sair diplomado, o mesmo deve acontecer com os jornalistas.

Todavia, estão se generalizando os exames das entidades de classe para aferir a competência do profissional: isto já se dá com a Ordem dos Advogados, com o Conselho de Contabilidade e brevemente exigirá de outros segmentos além dos estágios, a prova de competência.

Lamentavelmente, nos exames da OAB a maioria se mostra incapaz. Se exame semelhante for feito para jornalistas, ficará evidente o desconhecimento do idioma pátrio, por parte da maioria.

Dizemos isso porque não agüentamos mais ver jornalista escrever "não **dar** tempo de ir lá hoje". Ou "ele **estar** muito doente".

Faz-se uma mistura entre o presente do indicativo e o infinitivo que é coisa triste; mistura-se tu com você, troca-se mal por mau.

Recentemente, dentro dos estrangeirismos, lemos de um conhecido jornalista sobre os canais pagos, que ele chamou de "paper view". Ele queria dizer "pay per view", certamente. Se não sabe como escrever, diga programação paga.

Os alunos de jornalismo estão precisando de mais aulas de português com provas mais rigorosas.

Dia destes começamos a ler um jornal local e anotar em vermelho os erros de idioma. Na quarta página desistimos, tal era o número de barbaridades. E não falamos de jornal de bairro, mas de veículos de circulação nacional (estadual pelo menos), que deveriam ter mais cuidado com suas edições.

Outra coisa comum, e aí não é desconhecimento, são os títulos truncados, porque a caixa de textos se sobrepõe, ou notícias do tipo sinfonia inacabada, porque o digitador não sabe que o texto continua.

Enfim, honre-se o diploma, mas exija-se competência!

POESIA MUSICADA



Olhos
Castanhos

Francisco José (intérprete)

Alves Coelho Filho
(Letra e música)

Teus olhos castanhos
De encantos tamanhos
São pecados meus
São estrelas fulgentes
Brilhantes luzentes
Caídas dos céus,
Teus olhos profundos
São sonhos, são mundos
São a minha cruz,
Teus olhos castanhos
De encantos tamanhos,
São raios de luz.

Olhos azuis, são ciúme,
Que nada valem pra mim
Olhos negros, são queixumes,
De uma tristeza sem fim,
Olhos verdes são traição,
São cruéis como punhais,
Olhos bons, com o coração,
Os teus: castanhos leais!

O Palhaço

Pe. Antônio Tomás - CE

Ontem via-se-lhe em casa a esposa morta
E a filhinha mais nova tão doente!
Hoje, o empresário vai bater-lhe à porta,
Que a platéia o reclama impaciente.

Ao palco em breve surge... Pouco importa
O seu pesar àquela estranha gente...
E ao som das ovações que os ares corta,
Trejeita, e canta, e ri nervosamente.

Aos aplausos da turba ele trabalha
Para esconder no manto em que se embuça
A cruciante angústia que o retalha,

No entanto, a dor cruel mais se lhe aguça
E enquanto o lábio trêmulo gargalha,
Dentro do peito o coração soluça.

Mamãe

Maria Lindalva Xavier Amaro - PB

Neste dia que é seu, venho homenagear
A você que me amou, mesmo antes de eu nascer.
Foi ama. Foi matriz. Ensinou-me a andar.
Acompanhou meus passos, vendo-me crescer.

Cantou lindas canções, nas horas de ninar,
Ensinou as lições para eu logo aprender.
Pra que eu fosse feliz, ensinou-me a rezar,
Encaminhou-me nos caminhos do viver.

Foi minha companheira, amiga e protetora,
Confidente, enfermeira, guia e professora.
Sempre esteve ao meu lado em toda ocasião.

Neste dia que é seu, remoendo as saudades
Elevo a minha prece ó anjo de bondade
E agradeço ao bom Deus, a sua proteção.